

NOSSA CAPA



MUSEU MARÍTIMO DO BRASIL

JOSÉ CARLOS MATHIAS*
Vice-Almirante (RM1)

EDINA LAURA NOGUEIRA DA GAMA**
Capitão de Mar e Guerra (RM1-T)

SUMÁRIO

A origem
A ideia em movimento
O Concurso de Arquitetura para o Museu Marítimo do Brasil
O Projeto Preliminar
Considerações finais

A ORIGEM

Em 20 de janeiro de 1996 era inaugurado o Espaço Cultural da Marinha (ECM), idealizado pelo Almirante Max Justo Guedes, com uma área expositiva

composta de vários módulos, retratando alguns temas da história marítima, em especial a história marítima do Brasil, tais como: a jornada da náutica e da navegação através do tempo dos Grandes Descobrimientos; a arqueologia suba-

* Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha.

** Historiadora. Colaboradora frequente da *RMB*.



Docas da Alfândega, cerca de 1893

quática, tendo a apresentação de peças oriundas dos resgates feitos em navios naufragados ao longo da costa brasileira; a Coleção Alves Câmara, com cenarização dos modelos de embarcações regionais brasileiras; e, ainda, a Galeota *D. João VI*, construída no século XIX, acervo que abria as portas das exposições existentes.

Essas mostras, de longa duração, estavam abrigadas numa edificação construída em 1995, inspirada na Cordoaria de Lisboa, e assentada sobre um píer histórico, cuja construção foi concluída em 1877. O ECM englobava, ainda, uma área adjacente que, no passado, funcionara como Docas da Alfândega. Seguindo seu curso histórico, chegou em 1991 ao domínio da Marinha do Brasil, que adquiriu o espaço da então Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro.

Como referenciado pelo então ministro da Marinha à época, Almirante de Esquadra Mauro César Rodrigues Pereira, a transformação do espaço, localizado na área portuária da cidade, vislumbrava o propósito de aprimorar o complexo cultural da Marinha no Rio de Janeiro, “para irradiar a importância do mar e da força naval na mentalidade da sociedade brasileira”.

Ao longo do tempo, foram sendo incorporadas outras atrações culturais ao entorno do já denominado ECM, e ainda na gestão do Almirante Mauro César: o histórico Rebocador-Museu *Laurindo Pitta*, participe da Primeira Guerra Mundial; o Navio-Museu *Bauru*, que se destacou em escolta a comboios, operações de caça antissubmarino e evacuação das tropas aliadas vindas da Europa ao fim da Segunda Guerra Mundial; e o Submarino-Museu *Riachuelo*, com duas décadas de



Inauguração do ECM, em 20 de janeiro de 1996, com a presença do Ministro da Marinha, Almirante de Esquadra Mauro César Rodrigues Pereira

história na ativa e mais de 182 mil milhas navegadas. Posteriormente, outros meios navais chegaram ao Espaço Cultural da Marinha: a Escuna *Nogueira da Gama*; o Helicóptero-Museu *Sea King*; a *Nau dos Descobrimientos*; o Carro de Combate Cascavel e, mais recentemente, a Aeronaute AF-1 *Skyhawk*.

Ou seja, ainda nos anos 1995-1996, período de criação das áreas expositivas sobre o antigo píer das Docas da Alfândega, nascia na orla do centro do Rio de Janeiro, berço da história da cidade, o embrião do Museu Marítimo do Brasil, hoje um projeto em gestação, fundamentado, como já à época, no propósito de desenvolver e divulgar a consciência da maritimidade do País.

A IDEIA EM MOVIMENTO

Nos períodos de 2006 a 2009 e 2017 a 2020, a Diretoria do Patrimônio His-

tórico e Documentação da Marinha (DPHDM) conduziu obras estruturais primordiais e de elevado grau técnico no píer onde se assentava o antigo prédio de exposições do ECM. Profundamente deteriorado por estas obras de grande porte e, por consequência, em más condições de utilização para exposições, o edifício

acabou sendo fechado à visitação pública.

Entretanto, desde 2010 a Marinha começara a pensar num novo museu para a área em questão. Mas os recursos eram escassos e, portanto, priorizados para o restauro do píer.

Os anos 2011-2013 trouxeram à cidade do Rio de Janeiro o Projeto Porto Maravilha, e com ele a demolição do elevado da Perimetral, levando ao fechamento do ECM para as obras pertinentes. Sua reabertura veio acompanhada de toda uma revitalização cultural da zona portuária da cidade, extremada pela realização das Olimpíadas em 2016. Esses fatos demonstraram o quão estratégica a área havia se firmado para a cultura marítima. E como tal, precisava se adequar à nova paisagem. Afinal, entre a Praça Mauá e a Praça XV, e tendo ainda interligação por via pedestre com toda uma rede de museus¹ existentes na região, o ECM

¹ Esse trecho da chamada Orla Conde, que tem início no Museu Histórico Nacional e vai até o AquaRio, conta, ainda, com os seguintes espaços culturais: Instituto Histórico e Cultural da Aeronáutica, Centro Cultural do Ministério da Saúde, Museu da Justiça, Museu Naval, Palácio Tiradentes, Paço Imperial, Centro Cultural Banco do Brasil, Centro Cultural dos Correios, Espaço Cultural da Marinha, Casa França-Brasil, Museu do Amanhã e Museu de Arte do Rio.



ECM após a retirada do elevador

mostrou ser o epicentro dessa imensa área geográfica e histórica. Neste cenário, o futuro Museu Marítimo do Brasil será o ponto de irradiação e visibilidade de todo o contexto cultural do universo marítimo do País, envolvendo passado, presente e perspectivas futuras para o uso do mar em todas as suas nuances.

Naquele mesmo ano de 2016, o Departamento Cultural do Abrigo do Marinheiro (DCAMN)² firmou parceria com a DPHDM na busca de patrocinadores para a realização do estudo arquitetônico do futuro Museu Marítimo do Brasil. Esse estudo redundou num projeto conceitual preliminar elaborado pelo escritório Jacobsen Arquitetura, com o patrocínio do Conselho Nacional de Praticagem do Brasil (Conapra), que foi a base fundamental na divulgação de uma ideia para a busca de parceiros estratégicos ao projeto. Essa primeira pro-

posta conceitual foi divulgada em artigo da *Revista Marítima Brasileira (RMB)* em 2017 (v.147, n. 04/06, abril/junho 2017).



RMB, 2º trimestre/2017

² Associação sem fins lucrativos inserida na estrutura do Abrigo do Marinheiro. Está afeta às iniciativas de caráter cultural com o fim de fortalecer e divulgar a mentalidade marítima e naval.

Essa ideia inicial avançou com a aprovação da Fase 1 do Projeto Museu Marítimo do Brasil no Programa Nacional de Apoio a Cultura (Pronac 202218), previsto na Lei Federal de Incentivo à Cultura, capitaneada pela Secretaria Especial da Cultura, do Ministério do Turismo, graças ao patrocínio da Emgepron, Wilson Sons, Qualicorp, Companhia de Navegação Norsul, Empresa de Navegação Elcano e Granado Farmácias. Essas empresas abraçaram, desde o início, nossa proposta para a construção de um museu que explicita a brasilidade marítima em todas as suas dimensões, tornando-o único neste propósito. Isso implica, fundamentalmente, fomentar a geração de conhecimento e ampliação do entendimento da sociedade do País sobre a importância do mar.

Essa Fase do projeto de construção do Museu Marítimo do Brasil teve início, portanto, ainda nos anos 2016-2017, como visto, e se desenvolveu com a elaboração do Programa de Necessidades Museológicas, da Pesquisa Histórica-Arquitetônica sobre o ECM e seu entorno e da Recuperação do Pier do ECM. Contou, ainda, com a realização, recentemente, de um Simpósio Internacional com a participação dos Museus Marítimos da Dinamarca, da Finlândia, da Holanda, da Inglaterra, da Itália e de Portugal.

Neste ano de 2021, a execução do Projeto Pronac 202218 possibilitou, ainda, a realização do Concurso de Projeto de Arquitetura, na modalidade de Estudo Preliminar, ação fundamental ao processo de criação do novo museu.

O CONCURSO DE ARQUITETURA PARA O MUSEU MARÍTIMO DO BRASIL

O sucesso alcançado com o Concurso Estação Antártica Comandante Ferraz, que, realizado em 2013, indicou o melhor projeto para a reconstrução das instalações daquela estação, motivou a Marinha do Brasil a, em 2021, optar pelo mesmo procedimento na escolha da proposta arquitetônica do Museu Marítimo do Brasil.

Com esse propósito, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) foi de novo chamado a planejar e executar um concurso, desta feita acerca da arquitetura de museus, representado pelo seu Departamento no Rio de Janeiro (IAB/RJ), tendo como diretor o arquiteto Igor de Vetyemy. O coordenador-geral do concurso foi o arquiteto Luiz Fernando Janot, que, por ocasião do seu lançamento, disse:

Ao abrirmos a possibilidade de termos centenas de arquitetos pensando no tema, com um júri de alta competência para avaliar as ideias, estamos valorizando não apenas um museu com um significado importante, mas também



Página de Divulgação do Concurso

um local de importância histórica para a cidade. Estamos ansiosos para ver como os participantes vão atuar diante das diretrizes do concurso. Certamente, será um espaço de qualidade, que pode se tornar mais uma obra paradigmática na cidade do Rio de Janeiro.

Essa modalidade, essencialmente democrática, trouxe a participação não somente de equipes técnicas a pensar um objeto arquitetônico e urbanístico voltado para um museu marítimo, mas também da sociedade brasileira, absorvida por um concurso de caráter nacional. Divulgado em mídias tradicionais e especializadas, o concurso trouxe grande visibilidade e debate à contemporaneidade da arquitetura e da museologia para museus.

O elevado número de inscritos, 191, e de projetos entregues para apreciação da Comissão Julgadora, 110, vindos de 17 estados do País, atestou o acerto do empreendimento, recorde histórico entre as chamadas públicas já realizadas pelo IAB/RJ, conforme palavras do coordenador-geral do certame, que para acontecer, precisou obedecer a todas as especificidades pertinentes ao futuro Museu Marítimo do Brasil, a começar pela geografia, bem distinta, e pela história do lugar em que será construído.

O Projeto Preliminar vencedor foi apresentado pela equipe sob coordenação do arquiteto Rodrigo Quintella Messina, do escritório Messina Rivas, tendo como colaboradores Francisco Javier, Martin Benavidez, Alen Gomez, Emanuel Polito Fara, Franco Fara, Facundo Rasch e Stefania Casarin.

Na Fase 2 do Projeto, essa equipe será responsável pelo desenvolvimento dos projetos de Arquitetura e Engenharia, que permitirão a construção dos prédios do futuro museu.

O PROJETO PRELIMINAR

O projeto classificado em 1º lugar no concurso atendeu, segundo a avaliação da Comissão Julgadora, aos exigentes requisitos estabelecidos no termo de referência e apresenta soluções práticas para a ocupação da área disponível. Além da construção do novo espaço museológico, será possível a revitalização total do Espaço Cultural da Marinha.

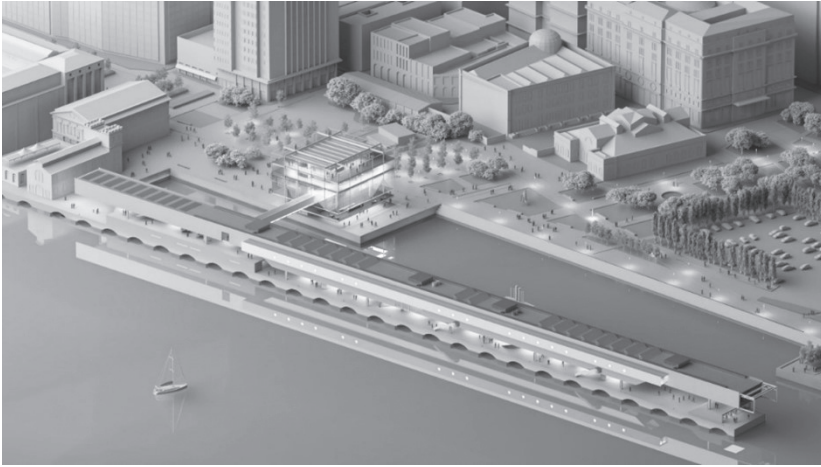
A equipe vencedora intitulou seu trabalho no sentido de “Convocar o comum das águas” e externou suas ideias com o seguinte conceito:

As navegações não são apenas vetores de desenvolvimento das cidades, mas também reservatórios de imaginação e intriga, já que constituem um modo fundamental de encontro entre diferentes culturas e naturezas.

Nessa paisagem marítima, a água é o ‘espaço comum’ por excelência, pois ela nos aproxima e afasta da figura do outro, isto é, do desconhecido e do imprevisível – tudo o que as cidades contemporâneas parecem sintomaticamente negar.

É justamente aí, nesse ‘espaço comum’ inconstante, que as navegações atravessam, articulam e disputam as diferentes identidades culturais e naturais. De modo que, se antes o horizonte das navegações era o encontro com novas terras, hoje é o encontro com novas águas, ou melhor, novos ‘comuns’.

É com esse norte que nos aproximamos do projeto preliminar para o Museu Marítimo do Brasil no Espaço Cultural da Marinha. Um ‘espaço comum’ de muitas histórias que procura ser menos para os navios e mais para os navegantes. E que revele hospitalidade e encontro com o outro, bem como a



Visão aérea do conjunto arquitetônico, ligando, por uma ponte, o prédio das áreas expositivas ao prédio da recepção

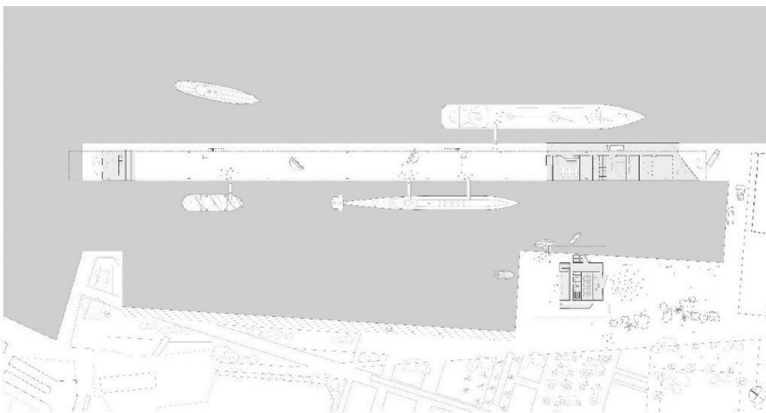
convivência socioambiental necessária e tensa com a cidade do Rio de Janeiro.

A proposta vencedora estabeleceu a construção de dois prédios: um localizado próximo ao passeio público, mais vertical, e um segundo no píer, bem horizontal.

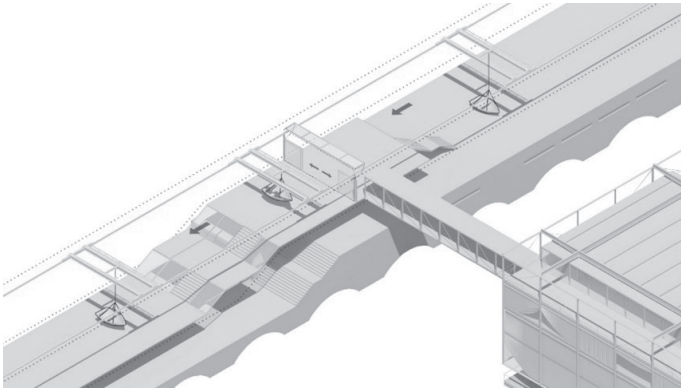
No primeiro, com cinco andares e respeitando as proporções dos edifícios do entorno, teremos uma ampla área térrea para receber o público e encaminhá-lo para ao Museu. Tal espaço contará com auditório, área para recepção de escolas

e um restaurante panorâmico de onde se avistará a Baía de Guanabara, entre outras facilidades de apoio e administrativas.

No segundo ficará o Museu propriamente dito, em uma construção sobre pilotis com dois pavimentos, que abrigará de maneira autônoma e em especialidades diversas as áreas expositivas de longa e curta duração. Esse edifício, de 300 metros de comprimento, está elevado do chão a fim de resgatar o potencial histórico do píer e permitir que seja utilizado para atracação dos navios-museus já existentes e para a



Vista de topo mostrando o possível local de atracação dos navios-museus



Desenho mostrando a ponte rolante que percorre todo o prédio do Museu

recepção eventual de navios do porte do Navio-Museu *Bauru*, como são os navios-veleiros do tipo *tall ship*, por exemplo.

Os autores do projeto imaginaram também

uma ponte-rolante, daquelas que há em todo o porto, que atravessa todo o edifício de maneira a possibilitar o transporte de peças expositivas as mais variadas (tais como a Galeota *D. João VI*). Esse recurso, além de funcionar como aparato logístico das áreas expositivas, serve como artefato expográfico quando abre possibilidades curatoriais de imaginação marítima a ponto de podermos nos perguntar

como seria, então, ver um barco navegando pelo ar.

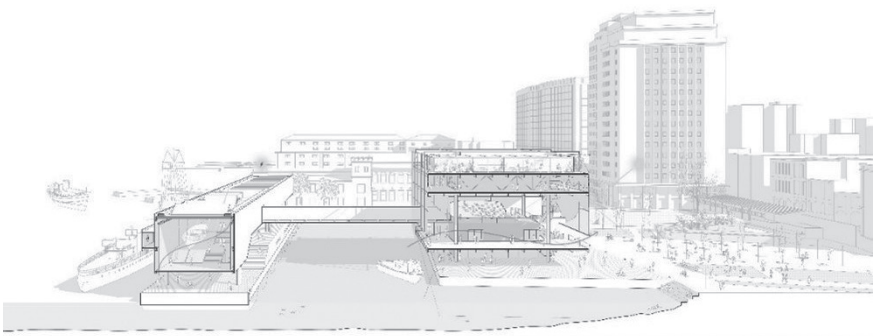
Ainda nas palavras dos autores:

Para conectar o edifício vertical com o horizontal, mais uma vez, convocamos o reservatório imaginativo das navegações e

propomos uma passarela que incite o navegante a atravessar as águas, como quem estende uma prancha para entrar em uma embarcação repleta de imaginários marítimos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Concurso de Estudos Preliminares de Arquitetura trouxe transparência, equidade, qualidade e visibilidade para a definição arquitetônica do futuro Museu Marítimo do Brasil. Desse modo, propiciou a apresentação de novas premissas e discussões sobre a contemporaneidade da arquitetura e, no caso, da arquitetura de museus para a cidade do Rio de Janeiro.



Imagens da vista lateral mostrando a ponte que interliga os dois prédios



Imagens da vista lateral mostrando a ponte que interliga os dois prédios



Área interna do prédio de recepção aos visitantes



Área expositiva

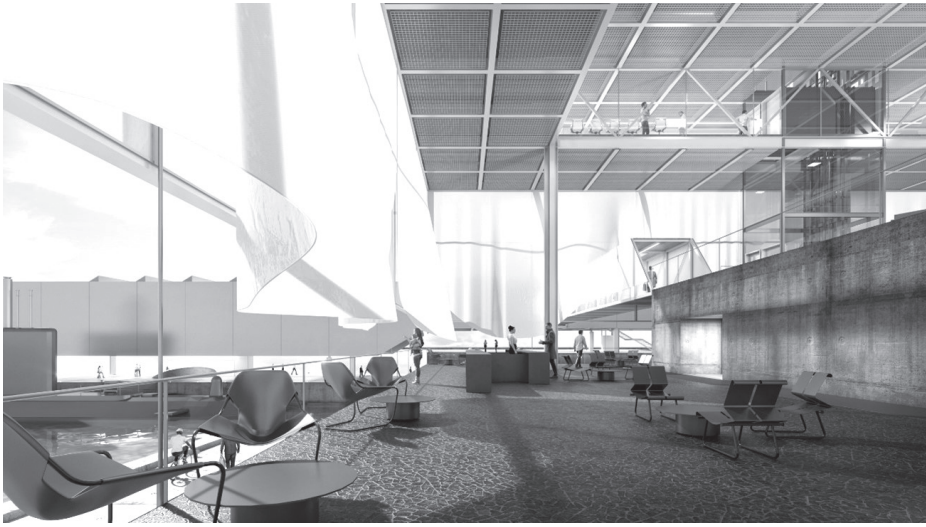
Como dito pelo diretor do Departamento do IAB/RJ, Igor de Vetyemy,

o museu vai desempenhar um importante papel nos esforços de revitalização do centro do Rio: ele estimulará a reflexão sobre o convívio respeitoso entre edificações históricas e novas

construções, evitando preconceito na recuperação da cidade, e na sua adaptação às demandas contemporâneas. São esses contrastes que dão sentido ao diálogo entre diferentes tempos arquitetônicos. A revitalização precisa vir acompanhada, respeitosamente, de propostas contemporâneas que dialo-



Área expositiva



Vista panorâmica do espaço interno

guem com o patrimônio existente, sem copiá-lo ou criar um falso histórico.

Os próximos passos para a efetiva realização do projeto arquitetônico em lide envolvem inicialmente ajustes a serem feitos no estudo preliminar pelos vencedores do concurso. Neste processo, a equipe do arquiteto Rodrigo Messina deve incorporar as recomendações feitas pela Comissão Julgadora do concurso e, ainda, as dos técnicos do DCAMN e da DPHDM, notadamente museólogos, engenheiros e arquitetos. Com o apoio da Diretoria de Obras Civas da Marinha (DOCM), desde 2016 também parceira neste projeto, essa equipe multidisciplinar busca partilhar uma perfeita integração entre as finalidades da construção – um museu contemporâneo – e os compromissos socioculturais advindos do tema e do lugar do novo equipamento cultural a ser erigido – o Museu Marítimo do Brasil.

A partir de então, e na expectativa de captação de recursos para o aporte financeiro na realização da Fase 2, prevista

para se desenvolver no período de 2022 a 2023, foram inscritos dois projetos no Pronac: um em parceria com a Fundação de Estudos do Mar (Femar), visando à captação de recursos para o desenvolvimento do anteprojeto e dos projetos executivos de arquitetura e de engenharia, para a efetiva construção dos prédios que comporão o museu, e outro em parceria com o DCAMN, para o desenvolvimento do Museu Digital, que apresentará o projeto museológico tridimensionalmente, este orientado e supervisionado por um Conselho Curatorial que já está sendo formado com museólogos e historiadores da Marinha do Brasil e da Marinha Mercante brasileira, com representantes das empresas parceiras e especialistas do setor marítimo.

Estamos prevendo o início da construção do Museu para 2024. Assim, uma das linhas de ação vislumbradas é a execução de uma Parceria Público Privada (PPP). Para tanto, o projeto foi inscrito no Programa de Parcerias para Investimentos (PPI), do Governo Federal, que se encontra em execução e cujo próximo passo será a

realização, pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), de um Estudo de Viabilidade Econômica com início previsto para janeiro de 2022.

A desejada inauguração do Museu Marítimo do Brasil ainda demanda tempo. No entanto, o aprendizado vindo desse caminho aumenta a certeza do quanto é

preciso ampliar significativamente ações que tragam o desenvolvimento da consciência marítima no Brasil.

O mar é importante e inesgotável fonte de riqueza para nosso País, fundamental para a projeção política, social e econômica que lhe cabe no mundo, como Nação Oceânica que é.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<HISTÓRIA>; Museu; História Marítima do Brasil; História Naval;